

VLASSELAERS, J. "Tecnologia mediática e inovação literária".
In: ANTELO, R.; CAMARGO, M.L. de B.; ANDRADE, A.L.;
ALMEIDA, T.V. de. In: *Declínio da arte Ascensão da cultura*.
Florianópolis: ABRALIC/Letras Contemporâneas, 1998.
p. 177-187. p. 180-181.

ZMOGINSKI, F. Blue-ray mata HD DVD este ano, diz Gartner.
Info - online, 28 jan. 2008. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/aberto/infonews/012008/28012008-3.shl>> Acesso em: <01/07/2008>

Estilhaços flaubertianos

Resenha do livro *Fogos de artifício: Flaubert e a Escritura* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2009), de Verónica Galíndez-Jorge.

por Carolina A. Messias / Universidade de São Paulo

DE REPENTE, UMA imagem ecoa em seus ouvidos e ela vê a necessidade de reproduzir o prazer de sua leitura e de sua busca infinita. A imagem da explosão em mil peças de um fogo de artifício atinge nossos olhos e se multiplica, seguindo o constante movimento de construção de imagens da criação de Flaubert. Assim, em seu primeiro livro, *Fogos de artifício: Flaubert e a Escritura*, Verónica Galíndez-Jorge nos conduz ao desejo de dar mais uma volta na espiral flaubertiana.

Analisando detalhes – sem pretender se dirigir apenas ao especialista deles – a autora transmite um novo olhar sobre a escritura flaubertiana, negando a primazia do objeto e o caráter probatório dos manuscritos e das correspondências. Quebra-se a estante de vidro em que se encontravam Flauberts classificados, datados e empoeirados. Antes empoeirados, os textos passam a se relacionar como na biblioteca fantástica e a pesquisadora mostra que somente desta maneira seria possível estudar a construção da alucinação na

escritura flaubertiana. Sem tomá-los como provas, a pesquisadora tece suas hipóteses a partir de textos de Flaubert que considera em condições de enunciabilidade semelhantes: manuscritos, correspondência e texto publicado.

Longe de estabelecer uma cronologia do percurso de criação das imagens alucinatórias estudadas, Verónica Galíndez-Jorge prefere enfatizar a relação entre o detalhe e sua repetição nos diversos textos. Para isso, ela se baseia em alguns pressupostos teóricos, como a permeabilidade discursiva e as questões sobre escrita e repetição. Destacamos a questão da escritura, por ser, talvez, a maior geradora de voltas na espiral de Flaubert. Lida como artesanal, por Barthes, explosiva, por Richard, e trágica, por Blanchot, a frase flaubertiana fascina e provoca *silêncios*.

Quanto mais trabalhada a frase flaubertiana, maior o silêncio. Dizer muito é calar, efeito produzido, essencialmente, pelas fórmulas mais simples, como 'ele fechou a porta' que não deixam de ser repetições ou reiterações.¹

O silêncio, já analisado por Genette² como elemento que se repete nas obras de Flaubert, emerge do livro de Galíndez-Jorge como o resquício do barulho das explosões. A análise dos dois trechos alucinatórios, um de Emma, outro de Frédéric, em *Fogos de Artíficos* revela o olhar crítico dessa leitora que explode um *corpus* flaubertiano em incontáveis estilhaços. Imagem da

1. GALÍNDEZ-JORGE, V. *Fogos de artifício: Flaubert a Escritura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 46.
2. Cf. "Silences de Flaubert". In: *Figures*. Paris: Seuil, 1966, p. 223-243.

nossa própria leitura de *Fogos de artifício*, o estilhaço remete à ideia de fragmento, que pode ser de uma peça de vidro ou de um espelho, produto de uma queda ou de uma explosão, imagem sonora cuja principal característica é ter uma forma única, isto é, cada fragmento possui uma forma singular. Este é o interesse maior do livro: o detalhe, o resto, o fragmento:

Há, portanto, apenas pontos de partida, são fragmentos, detalhes separados, cronológica e estruturalmente entre si, que permitem praticar – e estou consciente do abuso – uma espécie de ficção daquilo que poderia articular esses diferentes tempos e espaços, que são os manuscritos, a correspondência, os cadernos, a obra publicada.³

A noção de espaço sustenta a leitura dos manuscritos como ficção, pois prioriza o movimento, a relação em um mesmo nível entre cadernos, geralmente preenchidos com fichamentos de citações; manuscritos com planos, roteiros e rascunhos; margens; e o próprio romance de Flaubert. Dadas as regras do jogo de leitura, estamos aptos a participar do jogo da escritura flaubertiana: análise daquele estilhaço narrativo (a construção da alucinação) e de suas dimensões.

O primeiro jogo começa com a leitura do trecho publicado de Madame Bovary, em que a personagem procura Rodolphe para lhe pedir dinheiro e recebe uma resposta negativa. Assombrada, todas as suas lembranças arrebatam-na ao mesmo tempo, *como as mil peças de um fogo de artifícios*. Em seguida, ela alucina com a imagem do rosto de Rodolphe em globos incandescentes que caíam na neve. Já tocados pelas imagens, somos

3. GALÍNDEZ-JORGE, V. *Idem*, p. 55.

guiados para observar a construção dos detalhes da alucinação, ressaltando a escolha do léxico flaubertiano. Repetem-se formas de “intensa luminosidade” das quais irrompe a imagem do amante.

O segundo jogo, de *Educação sentimental*, segue o mesmo percurso. Também tendo a sugestão do dinheiro como ponto de partida, agora não a falta mas a inesperada abundância: Frédéric alucina com a imagem da mulher amada ao receber uma carta que notificava o recebimento de uma herança. Em seguida, numa confusão de tempos, as ideias do personagem são *mobilizadas*, para usar o termo flaubertiano, com uma explosão de objetos. Mais uma vez transtornados com a imagem da explosão, somos conduzidos pelos planos e roteiros dessa cena e podemos testemunhar o trabalho da descrição flaubertiana que se dilata com a multiplicação de detalhes.

Interessante pensar na escolha desses trechos analisados no capítulo “A Explosão dos Fogos”. Neste capítulo central do livro, são revelados outros personagens flaubertianos que têm momentos de alucinação: o marido traído Charles, a empregada Félicité, o tetrarca Antipas e até mesmo os copistas Bouvard e Pécuchet. Mais um estilhaço de leitura chama atenção: a presença do ser amado na alucinação de Emma e de Frédéric. E como o livro trata de estilhaços, de detalhes desse mecanismo de criação exaustiva de imagens que é a alucinação, remetemos à leitura de *Fragmentos de um discurso amoroso*⁴, de Barthes, já que essas personagens não deixaram de ser apaixonadas:

4. BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Editora, 2003.

Ao longo de toda a vida amorosa, as figuras surgem na cabeça do sujeito amoroso sem nenhuma ordem, pois dependem a cada vez de um acaso (interior ou exterior). A cada um desses incidentes (que o “assaltam”), o amante recorre à reserva (ao tesouro?) das figuras, segundo as necessidades, as injunções ou os prazeres de seu imaginário. *Cada figura explode, vibra sozinha como um som desligado de qualquer melodia – ou se repete, até à saciedade, como o tema de uma música de transe*. Nenhuma lógica liga as figuras, determina sua contiguidade: as figuras não pertencem a nenhum sintagma a nenhuma narração: são Erínias; agitam-se, chocam-se, apaziguam-se, reúnem-se, afastam-se sem mais ordem do que uma revoada de mosquitos. O *dis-cursus* amoroso não é dialético; gira como um calendário perpétuo, uma enciclopédia da cultura afetiva (no amante, um quê de Bouvard e Pécuchet).⁵

Por meio do trabalho com o detalhe e a repetição, o discurso romanesco flaubertiano, assim como o discurso amoroso barthesiano, adquire uma forma espiral, uma vez que nunca volta ao mesmo ponto de início, mas *gira como um calendário perpétuo* em que a indicação de dias e meses (os detalhes) se repetem, ao contrário dos anos, que ilustram as voltas da espiral da vida.

A pesquisadora acentua que o trabalho exaustivo de reescritura de *A Tentação de Santo Antônio*⁶ é essencial para pensar o projeto literário flaubertiano, caracterizado por “uma escritura de objetivo contínuo que não pretende se completar a cada romance acabado”⁷. Como

5. BARTHES, R. *Idem*. p. XXI-XXII. Grifo nosso.

6. “Repetição, primeiramente, de ordem quase que mecânica, já que Flaubert escreve três versões completas, excluídas desta ‘contabilidade’ as versões reescritas dos rascunhos, em três diferentes momentos de sua vida e de sua obra, ou seja, de sua formação escritural”. GALÍNDEZ-JORGE, V. Op. cit., p. 47.

7. GALÍNDEZ-JORGE, V. Op. cit., p. 45-46.

exemplo claro de inacabamento e repetição, temos os copistas de *Bouvard e Pécuchet*, uma verdadeira enciclopédia aberta de saberes do mundo, que permite refletir sobre a escrita literária.

Bouvard e Pécuchet passam de um saber a outro por causa de algum elemento que impede a completude de sua busca, por perceberem que tudo que acumularem, repetirem e pesquisarem nos livros não passará de fragmento, de detalhe trágico de um projeto infinito. Podemos lembrar do episódio em que os dois copistas fracassam ao escrever a história do duque de Angoulême após pesquisarem uma série de informações sobre o personagem, pois se dão conta de que a história ficaria incompleta sem imaginação, o que os leva à leitura de romances históricos.

Como dissemos anteriormente (e para dar mais uma volta na espiral), a atenção ao detalhe tanto na redação quanto nos manuscritos permite revelar o jogo da escritura flaubertiana e incitar a explosão de leituras desse jogo. Segundo Galíndez-Jorge:

O detalhe aqui tomado desvela algo não da caracterização de um estilo, no sentido da particularidade, da assinatura de cada artista, mas da possibilidade de uma nova função: a de dar pistas ao leitor acerca da escritura, ou seja, da aventura poética implicada no arto de escrever, retomando, mais uma vez, o sentido de odisséia que Barthes atribui ao termo.⁸

Analisar a escritura flaubertiana sob essa perspectiva é como criar caleidoscópios, em que os estilhaços

coloridos refletidos pelos espelhos da leitura geram, a cada movimento, imagens diferentes.

A sedução de *Fogos de artifício* é construída justamente pela vibração das imagens, que se chocam, se dilatam, se estilham, oferecendo pistas do jogo da escritura flaubertiana. Assim a leitura adquire um ritmo próprio entre barulhos, rumores e silêncios, que nos conduz a uma viagem interna, a esta odisséia da leitura de estilhaços que não são simples cacos de vidro, e sim possuem uma forma própria, especial. Um tipo inesperado de estilhaço que, atravessado por um feixe de luz, se descobre prisma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Editora, 2003.

GENETTE, G. "Silences de Flaubert". In: *Figures*. Paris: Seuil, 1966.

8. GALÍNDEZ-JORGE, V. Op. cit., p. 159.